

# Entre Ricœur e Greimas, *in memoriam*<sup>1</sup>

---

ERIC LANDOWSKI

Paul Ricœur morreu no dia 20 de maio de 2005. Alguns meses antes, ele publicava no quotidiano parisiense *Le Monde* um ponto de vista relativo ao referendo organizado na França em vista da ratificação do tratado constitucional europeu<sup>2</sup>. O destino não lhe permitiu conhecer o resultado, mas, a julgar pelos argumentos desenvolvidos nesse artigo (provavelmente a sua última intervenção pública), ele havia antecipado a "vitória" do não no dia 29 e, com certeza, ele a teria deplorado.

De fato, em tudo, Paul Ricœur foi sempre um homem de abertura e de diálogo: entre pessoas, entre correntes de pensamento, entre culturas, entre nações. Vivendo num país em que o afrontamento do preto e do branco é freqüentemente preferido ao exame crítico das posições respectivas e à troca de argumentos, essa atitude não lhe trouxe sempre conforto. Seu afastamento da universidade no início dos anos 1970 e seu relativo exílio para os Estados Unidos durante as duas décadas seguintes se explicam em larga medida por isso. Ao praticar por princípio uma escuta atenta e respeitosa do outro em vez de tomar categoricamente partido, passa-se facilmente por uma pessoa indiferente ou indecisa. É, portanto, necessário escolher seu campo... mesmo nos meios intelectuais! E sobre esse plano, antes que a "pós-modernidade" venha embaralhar os velhos critérios de demarcação ou introduzir novos, a escolha por longo tempo reduziu-se a duas opções: de um lado os "humanistas" – fenomenólogos, hermeneutas, existencialistas (cristãos ou não) –, do outro os "estruturalistas" formados na silagem da lingüística e tenentes do relativismo dos sistemas (socioculturais ou histórico-políticos) contra toda forma de ontologia.

1. Tradução para o Português de Ana Claudia de Oliveira.
2. "Référendums: chances et risques", por Monique Canto-Sperber e Paul Ricœur, *Le Monde*, 19 de novembro de 2004, p. 21.

Está aí precisamente o tipo de clivagem ao qual Ricœur não quis jamais se resignar, mas que ele procurou, ao contrário, constantemente ultrapassar. Fiel companheiro da Associação Francesa para o Desenvolvimento da Semiótica, que presidiu por alguns anos, assim como das *Actes Sémiotiques*, revista na qual apareceu em 1980 seu estudo sobre "La grammaire narrative de Greimas"<sup>3</sup>, ele nos confiou dez anos mais tarde um outro ensaio tendo por título "Entre herméneutique et sémiotique"<sup>4</sup>. O que conta aqui em primeiro lugar é a preposição, o *entre*, que indica a vontade de manter aberto um espaço de confrontação e de debate entre dois modos de abordagem dos textos e, mais geralmente, entre duas problemáticas do sentido de hábito tidas por inconciliáveis. Tanto mais que, ao se voltar em direção de Greimas para travar esse debate, Ricœur escolhia, a se crer pelo que corre solto nos boatos, um interlocutor da estirpe dos mais briguentos, dos mais intransigentes – dos mais puros e duros – dentre os estruturalistas.

\*

Entre o hermeneuta e esse tal semioticista, não se devia então se esperar por contendas formais, a distância, com reserva, como se vê nos encontros acadêmicos interdisciplinares em que a retórica da aproximação serve para mascarar as divergências efetivas. Nem tampouco por uma justaposição de monólogos fechados sobre eles mesmos como ocorre entre interlocutores que se tomam por campeões de campos opostos. Ultrapassadas todas as "considerações de clã" e "preocupações estratégicas" (que Ricœur denunciava no artigo do *Le Monde* evocado mais acima), uma relação de evidente autenticidade e mesmo uma espécie de cumplicidade se tinha estabelecido entre os dois homens – entre Paul Ricœur e aquele que ele chamava familiarmente "o amigo Greimas" (do qual ele seguiu as pesquisas passo a passo como um comentarista dos mais atentos desde a época de *Semântica estrutural* até *Semiótica das paixões*, ou seja, do começo ao fim) e, reciprocamente, entre Greimas e aquele que, "um pouco intimidado", esse amava provocar enquanto um "filósofo".

Das suas trocas nos restam a transcrição de um dos principais encontros que eles tiveram em público e três contribuições escritas em que Ricœur expõe as suas rea-

3. *Actes Sémiotiques-Documents* (Paris, CNRS-EHESS) II, 15, 1980, texto depois retomado em *Lectures II*, Paris, Seuil, 1992.
4. *Nouveaux Actes Sémiotiques* (Limoges, PULIM), II, 7, 1990.

ções, ao mesmo tempo admirativas e críticas, diante da "semiótica de Greimas"<sup>5</sup>. Aí, ele toma ao pé da letra as pretensões teóricas mais fortes de seu interlocutor e, como é nesses casos a regra do jogo, procura (e, em nossa opinião, consegue bastante bem) apontar as falhas de sua operacionalização. No conjunto, a teoria de Greimas se apresenta, no momento em que a discussão se trava, como uma construção de tipo estritamente "hipotético-dedutivo" e "gerativo". A partir de uma estrutura elementar e abstrata à qual a significação de um discurso dado seria em última instância redutível, seria possível, é postulado, gerar as articulações mais superficiais sobre as quais a leitura se apóia para construir o sentido do objeto textual.

Mesmo reconhecendo o rigor do modelo elaborado por Greimas, Ricœur mostra que as passagens previstas entre níveis de profundidade – do lógico ao narrativo, depois do narrativo ao figurativo – não são analisáveis simplesmente em termos de deduções lógicas por meio de uma sintaxe elementar. De fato, indo do mais abstrato ao mais concreto, o "percurso gerativo" incorpora a cada uma de suas etapas novos valores semânticos que não podiam ser dados no começo. Com certeza, como toda axiomática bem construída, a sintaxe elementar do nível inicial basta-se em si mesma; mas como tal, não permite dar conta por simples "conversão" (como, porém, o queria o modelo) do agir dos actantes do relato. Porque longe de ser redutível a uma série de puras operações lógicas do tipo da asserção e da negação, o *fazer antropomórfico* que constitui o motor da intriga adquire seu sentido somente em função de uma *inteligência narrativa* pressuposta, da qual Ricœur especifica a natureza em termos de "semântica da ação" e de "fenomenologia do padecer". A essa fenomenologia implicitamente (ou sub-repticiamente) convocada pelo modelo deve-se o fato de que um relato seja em definitivo sempre "mais rico" do que a estrutura lógico-sintática que, em certo sentido, prefigura seu desenvolvimento discursivo. Aliás, sublinhava Ricœur, se o fazer dos atores estivesse inteiramente previsível e calculável a partir da axiomática inicial, não se passaria nada – nada de novo – e não haveria simplesmente nada a contar!

5. O referido encontro ocorreu no dia 23 de maio de 1989 no Collège International de Philosophie; sua transcrição está anexa ao livro de Anne Hénauld, *Le pouvoir comme passion* (Paris, P.U.F., 1994, p. 195-215). Além dos dois estudos mencionados, publicados nas *Actes*, Ricœur contribuiu com um texto intitulado "Figuration et configuration. A propos du Maupassant de A. J. Greimas" no volume de homenagem publicado em 1985 sob a direção de Herman Parret e Hans George Ruprecht, *Exigences et perspectives de la sémiotique* (Amsterdam, Benjamins, v. II, p. 801-809). Enquanto esses quatro textos permanecem dispersos e de difícil acesso em francês, existe uma tradução em italiano que os reúne em um só volume: *Tra semiotica ed ermeneutica* (Roma, Meltemi, 2000).

A lição será entendida. A distinção entre níveis de profundidade permanecerá aos olhos de Greimas uma necessidade heurística essencial em todo procedimento de análise textual. Mas a idéia de conversões entre níveis cessará em seguida, na prática, de fazer parte das preocupações prioritárias. Enfraquecimento do modelo ou enriquecimento da problemática sobre um plano mais geral? Para muitos semioticistas, hoje, a resposta não traz nenhuma dúvida. Na realidade, numa visão retrospectiva, a intervenção de Ricœur revela agora plenamente seu sentido: um apelo a favor de um retorno às nascentes.

Em seu primeiro livro, *Semântica estrutural*, Greimas, invocando Merleau-Ponty, se propunha "considerar a percepção como o lugar não lingüístico onde se situa a apreensão da significação". E era – nem mais nem menos! – sobre o "sentido da vida", sobre "a situação do homem assaltado pelas significações que o solicitam por todos os lados da manhã à noite e da idade pré-natal à morte" que ele empreendia se interrograr. Vinte anos mais tarde, em *Da imperfeição*, ele retoma essa busca seguramente oposta a todo logicismo, mas que permite, em contrapartida, falar de uma semiótica *compreensiva* finalmente muito próxima do "modelo misto" defendido por Ricœur – *entre explicar e compreender* –, na qual uma "fenomenologia do agir e do padecer" assume o papel por assim dizer musical de um "baixo contínuo".

Ainda hoje, o debate teórico que foi aberto, em grande medida, graças à intervenção de Ricœur, não está terminado entre os próprios semioticistas. Duas concepções contrastadas da disciplina continuam a se justapor: de um lado, os estudos "greimasianos" mais ortodoxos continuam centrando-se sobre as significações articuladas em textos que o analista se esforça a olhar do exterior e de uma boa distância com fins essencialmente "explicativos"; de outro, se desenvolve, ao contrário, uma prática semiótica mais reflexiva, na qual o analista se reconhece como sujeito implicado (por exemplo, estética ou politicamente) naquilo mesmo que ele quer dar conta, no sentido desta vez de "compreender". Mas a oposição entre essas duas atitudes deixou, entretanto, de parecer radicalmente irredutível: "Se a força da semiótica deve-se a seu valor operatório na análise concreta dos discursos, e se a compreensão é a única maneira de finalizar a abordagem dos textos, dever-se-ia talvez concluir que, longe de procurar se desembaraçar do *compreender*, a prática semiótica deveria cuidadosamente o cultivar". É Jacques Fontanille, um semioticista no entanto extremamente dedicado à modelização, às formalizações e à "operacionalidade", que, num posfácio a um dos trabalhos de Ricœur mencionados mais acima, defende essa posição não conciliatória, mas dialética<sup>6</sup>. Vê-se, ao nos impulsionar

6. "Notes sur le parcours cognitif", in *Entre herméneutique et sémiotique*, op. cit, p. 30-31.

a ultrapassar algumas de nossas prevenções, o hermeneuta nos terá finalmente ajudado a todos a melhor avaliar o alcance de nossa tarefa de semioticistas e a abrir o leque de nossas interrogações e de nossos métodos de análise.

\*

Tão benéfico quanto possa ter sido para a nossa disciplina, esse encontro foi, contudo, com toda evidência, para nosso interlocutor, somente uma etapa ao longo de um itinerário de pesquisa de orientações múltiplas. O que marca a originalidade do estilo de Ricœur no meio do campo intelectual francês provém, por uma parte essencial, da diversidade excepcional das confrontações das quais se nutria o desenvolvimento de seu pensamento e de suas indagações.

Além da tradição filosófica clássica na sua mais larga extensão, de Aristóteles a Agostinho ou de Hegel a Nietzsche, a exegese, a teologia, a psicanálise, a análise histórica, as ciências da linguagem em seu conjunto e até a teoria política e a filosofia do direito ocuparam, uma por vez, um lugar de primeiro plano entre suas referências e suas fontes de inspiração. Inicialmente próximo do existencialismo cristão e do personalismo, colaborador da revista *Esprit*, ele se apega primeiramente à tradição filosófica alemã. Consagra, em 1947, seu primeiro livro a Karl Jaspers, e é a ele que se deve uma das primeiras traduções de Husserl para o francês. Em um momento em que a hermenêutica mantém-se uma disciplina apenas conhecida no meio que o circunda, ele se familiariza com a obra de Schleiermacher e, sobre o mesmo registro, prosseguirá o diálogo com o seu contemporâneo H.-G. Gadamer. Todavia, longe de se limitar à filosofia "continental", sua reflexão, sobretudo a partir do momento em que ela se concentra sobre os problemas da linguagem, apóia-se também num conhecimento aprofundado da tradição analítica de língua inglesa, de Austin a John Rawls e Charles Taylor, passando por D. Davidson, P. F. Strawson, A. Danto ou ainda G.H. von Wright, H.L.A. Hart, M. B. Hintikka.

Ao ponto que um outro representante maior da filosofia contemporânea, Jacques Derrida, em um volume organizado em honra daquele que, nos anos 1950, lhe tinha, ele escreve, servido de guia e "aprendido a ler" a fenomenologia, sublinhava (sem dúvida com uma ligeira pitada de auto-ironia) esse mérito singular de Ricœur: ter tido "a coragem e a lucidez, tão raras na França, de ler, de fazer ler e de levar em conta em seu trabalho" os filósofos anglo-americanos<sup>7</sup>... Derrida não diz se a mesma

7. "La parole. Donner, nommer, appeler". In: *Les Cahiers de l'Herne*, 2004, número dedicado a Paul Ricœur; esse artigo foi parcialmente reproduzido em *Le Monde*, 22-23 de maio de 2005 (caderno especial editado alguns dias após a morte de Ricœur).

coragem e a mesma lucidez mereceriam ser saudadas a propósito de sua leitura de Greimas! Mas aí se toca em uma outra história: entre Greimas e Derrida (que, é o mínimo que se possa dizer, não entretiveram muitas ligações), ou ao menos entre semiótica e desconstrução, Ricœur, o hermenêuta e o fenomenólogo, terá sido – ou teria ele podido ser – o elo faltante?

Greimas, Derrida, Ricœur: esses são, em todos os casos, três entre as figuras centrais de nosso universo intelectual que, numa distância relativamente curta de tempo, se apagaram cada um a seu turno. A despeito de todas as diferenças de fundo, um traço comum, que talvez só seja superficial na aparência, os aproxima: cada um, à sua maneira, foi um exilado. Célebres, escutados, solicitados por todos os cantos do mundo e, ao mesmo tempo, entre os seus, na França, não certamente pessoas desconhecidas, mas autores relativamente mal conhecidos, pensadores postos (ou que se puseram) mais ou menos à margem das instituições, em primeiro lugar, acadêmicas. Ao ponto de os dois últimos terem sido levados a inventar o seu próprio lugar institucional, ao mesmo tempo marginal e glorioso, o *Collège international de philosophie*. Seria interessante analisar as razões desse processo paradoxal de marginalização que afeta os últimos espécimes desses *maîtres à penser*, dos quais outrora a República se orgulhava.

No caso de Ricœur, pode ser que o nó do problema – do mal entendido – resida nesse caráter misto que ele reconhecia finalmente no “modelo semiótico”, mas do qual ele fazia antes de tudo a chave de suas próprias interrogações. Rejeitando a alternativa positivista – ou bem a ciência, ou bem a empatia! –, lembrando incansavelmente que mesmo a epistemologia de um Dilthey não se reduz a essa dicotomia, ele jamais cessou de procurar a definição de uma justa articulação entre explicação e compreensão tomadas como as duas faces complementares de toda forma de acesso ao sentido e ao valor. Por isso mesmo, não se punha ele, de fato, à margem tanto das correntes positivistas agora de novo em voga (ciências cognitivas, tecnologias da informação e *tutti quanti*), quanto das formas de pensamento e de moral *new age*, essas respostas espontâneas, regressivas e desesperadas ao excesso de espírito de sistema e a uma racionalidade tecnicista e mercantil hoje triunfante?

ERIC LANDOWSKI é diretor de pesquisa do CNRS (Paris, Centre d'études de la vie politique française). Co-editor da revista *Nouveaux Actes Sémiotiques*. Co-diretor do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS). Autor de inúmeros artigos e dos livros *Passions sans nom* (Paris, PUF, 2004), *Presenças do outro* (São Paulo, Perspectiva, 2002), *A sociedade refletida* (São Paulo/Campinas, Educ/Pontes, 1991). Co-organizou, com A. C. de Oliveira, *Do inteligível ao sensível*

(São Paulo, Educ, 1995), com J.L. Fiorin, *O gosto da gente, o gosto das coisas* (São Paulo, Educ, 1997), com A. C. de Oliveira e R. Dorra, *Semiótica, estesis, estética* (São Paulo/Puebla, Educ/UAP, 1999).

eric.landowski@sciences-po.fr

*Texto encomendado no final do primeiro semestre, recebido e aprovado em 19 setembro de 2005.*

## BIBLIOGRAFIA SELETIVA DE PAUL RICCEUR

- Karl Jaspers et la philosophie de l'existence*. Paris: Seuil, 1947. (Em colaboração com M. Dufrenne).
- De l'interprétation: essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965.
- Essais d'herméneutique, I: le conflit des interprétations*. Paris: Seuil, 1969. Tradução para o Português: *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- Essais d'herméneutique, II: du texte à l'action*. Paris: Seuil, 1986. Tradução para o Português: *Do texto à ação*. Porto: Rés Editora, 1991.
- La métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975. Tradução para o Português: *Metafora viva*. Porto: Rés Editora, 1983.
- Hermeneutics and the human sciences: essays on language, action and interpretation*. Paris: M. S. H., 1981. Tradução para o Português: *Teoria da interpretação: discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- Temps et récit: I. L'intrigue et le récit historique, II. La configuration dans le récit de fiction, III. Le temps raconté*. Paris: Seuil, 1983, 1984, 1985. Tradução para o Português: *Tempo e narrativa, 1, 2, 3*. Campinas: Papyrus, 1994, 1995, 1997.
- Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.
- Lectures: I. Autour du politique, II. La contrée des philosophes, III. Aux frontières de la philosophie*. Paris: Seuil, 1991, 1992, 1994. Tradução para o Português: *Leituras: 1. Em torno do político, 2. A região dos filósofos, 3. Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1995, 1996, 1996.
- Le juste*. Paris: Esprit, 1995. Tradução para o Português: *O justo ou a essência da justiça*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

